



OBJETOS (EXTRA)ORDINÁRIOS QUE TRANSCENDEM O TEMPO

ADÉLIA BORGES
CURADORA

"O que lembro, tenho."

João Guimarães Rosa, em *Grande Sertão, Veredas*

A exposição *Design e cotidiano na coleção Azevedo Moura* traz o foco para o ainda pouco conhecido e analisado design desenvolvido pelos imigrantes europeus no sul do Brasil. Móveis, ferramentas de trabalho, elementos construtivos, brinquedos e utensílios domésticos feitos entre a segunda metade do século 19 e as décadas iniciais do século 20 conjugam as lembranças, as técnicas e os costumes trazidos pelos imigrantes de sua terra natal, de um lado, e as condições e materiais que encontraram na terra de adoção, de outro. São objetos que podemos chamar de "ordinários". Foram feitos por e para pessoas comuns, para uso em seu cotidiano – e como podem ser extraordinários nessa condição!

As 930 obras da mostra fazem parte da coleção Azevedo Moura, garimpadas nas últimas cinco décadas pelo casal de arquitetos gaúchos Tina e Calito de Azevedo Moura, no interior do Rio Grande do Sul (a maioria), Santa Catarina e Paraná. Apaixonei-me por elas em meados dos anos 1990, quando as vi pela primeira vez. Eu era então editora da revista *Design & Interiores*, e fui conhecer mais de perto o trabalho de Tina e de sua irmã gêmea Lui Lo Pumo em design de mobiliário e projetos de revitalização de artesanato. As condições de observação, permitam-me dizer, não eram das melhores. Muito numerosos, os objetos amontoavam-se uns sobre os outros nos sobradinhos do bairro Moinhos de Vento, em Porto Alegre, onde vivem e trabalham Tina e Calito. No entanto, foi como uma epifania: o olhar sensível dos colecionadores descortinava aos meus olhos lições de inventividade e singeleza.

Lamparina suspensa, de
chapa metálica

A cada ida a Porto Alegre, deliciava-me com novas aquisições. A opção dos colecionadores de não variar demais as tipologias – e sim explorar diferentes feições que uma mesma tipologia de artefato pode ter – era uma excelente oportunidade para refletirmos sobre os caminhos do design em nosso país. Na institucionalização do ensino de design no Brasil, ocorrida a partir da década de 1960, com a criação da Escola Superior de Desenho Industrial (EsdI) no Rio de Janeiro, adotou-se de forma acrítica o axioma “a forma segue a função”, o que durante certo tempo funcionou como uma camisa de força para os designers. O acervo permitia constatar que a forma segue sim a função, mas segue também a cultura, o tempo, o lugar, e o desejo e os sonhos das mentes que concebem os objetos e das mãos que os conformam. E isso precisava ser mostrado a um público maior, numa exposição que fizesse jus à sua importância e representatividade.

A primeira chance ocorreu quando eu era diretora do Museu da Casa Brasileira (MCB), em São Paulo. Em 2007, *Desenho anônimo – Legados da imigração no sul do Brasil* ocupou as principais salas do museu, com curadoria do colega gaúcho Alfredo Aquino. Nova ocasião surgiu em abril do ano passado, quando a exposição *Artefatos do Sul – Legados da imigração alemã e italiana* foi aberta no Farol Santander Porto Alegre, com previsão de permanência até julho. No início de maio, contudo, fortes enchentes devastaram várias regiões do Rio Grande do Sul, causando a morte de quase 200 pessoas. Escolas, lojas, aeroportos, escritórios foram fechados – e também museus e centros culturais. Ilhado na Praça da Alfândega, no centro da cidade, o Farol também teve de suspender suas atividades. Foi muito frustrante elaborar durante meses uma exposição de 1 mil m² para ficar tão pouco tempo aberta ao público.

Uma seleção de 45 obras foi apresentada em fevereiro de 2025 na mostra *Design da imigração – Primórdios do aqui e agora*, na feira Movelsul, em Bento Gonçalves, na Serra Gaúcha, região onde os italianos fincaram os esteios de uma forte industrialização, tornando o polo moveleiro da Região Sul o mais forte do país.

É motivo de muita alegria termos a oportunidade de agora apresentar, entre maio e setembro de 2025, uma seleção de 930 peças da coleção na sala de exposições temporárias do Museu Paulista, em São Paulo. O contato com os docentes da instituição, que integra a Universidade de São Paulo (USP), enriqueceu a leitura das obras e possibilitou a exploração de novas camadas de seus significados. Esse museu especializado em história e cultura material tem relevância nacional e vem-se destacando também por suas iniciativas voltadas à acessibilidade. Nossa equipe aprendeu muito nesse processo.

CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

Antes de prosseguir, gostaria de recuar no tempo. Portugueses e espanhóis chegaram no século 16 ao que denominaram “Novo Mundo” – expressão cunhada de um ponto de vista europeu, pois o território do Cone Sul das Américas já era ocupado desde o século 11, aproximadamente, por povos indígenas como os Guaraní, Kaingang e Xokleng, cujas culturas foram sistematicamente desrespeitadas e agredidas pelos europeus.

Fundadas a partir de 1626, as reduções jesuítico-guaranis são consideradas os primeiros povoados não nativos organizados no Rio Grande do Sul. No século 18 começaram a chegar à Região Sul os africanos escravizados; a partir de 1748, os açorianos, que aportaram primeiro em Santa Catarina, onde colonizaram boa parte do litoral; de 1907 em diante vieram os poloneses e também os ucranianos, estes

1 No censo de 2022, esse número caiu para pouco mais de 22%, ainda assim muito expressivo e pouco comentado pelas pessoas, que não costumam associar população negra com o Sul.

2 O Rio Grande do Sul tem muitos episódios trágicos envolvendo a população negra e indígena que são “minimizados” pela opinião pública. Dois exemplos são as Missões e o Massacre dos Parangos, em 1844, emboscada que vitimou mais de 100 soldados negros durante a Guerra dos Farrapos.

mais numerosos no Paraná; e a partir de 1875, os italianos. O censo de 1814 aponta que negros e indígenas compunham 52% da população no Rio Grande do Sul¹. É importante ressaltar que nenhuma história sobre o sul do país estará completa sem considerar essa pluralidade e os conflitos culturais que principiaram com o etnocídio dos povos originários².

A coleção Azevedo Maura volta seu olhar especificamente para a memória das imigrações alemã, iniciada no Sul em 1824, e italiana, em 1875. A imigração europeia ocorreu em diferentes condições e circunstâncias nos vários estados do Brasil. Se no estado de São Paulo, por exemplo, os italianos vieram para trabalhar nas fazendas cafezeiras, no Sul, tanto os germânicos quanto os italianos receberam lotes de terra para se instalarem com suas famílias. Não eram indivíduos isolados, e sim famílias numerosas, não raro compostas por mais de uma dúzia de pessoas, de diferentes gerações.

A grande maioria de imigrantes vinha de zonas rurais e fugia da pobreza. Segundo o professor Günter Weimer, um dos autores que apresentam seus textos neste catálogo, os alemães viviam em aldeias de propriedade comunitária, com cerca de 100 a 150 hectares, incluindo as áreas florestais que forneciam madeira para o aquecimento das casas durante o inverno. “No Brasil cada família recebia 75 hectares, então eles se sentiam uma espécie de senhores feudais.” Tratava-se de uma imigração subvencionada pelo governo imperial, que arcava com os custos do transporte marítimo e doava, além das terras, ferramentas de trabalho e outros benefícios. Era resultado de uma política deliberada do governo imperial, que atenderia, entre outros pontos, ao objetivo de branqueamento da população brasileira, baseado na crença – expressa abertamente pelas elites de então – de uma superioridade racial dos brancos.

AGRICULTORES... E ARTESÃOS

Os imigrantes eram em sua maioria alfabetizados. Relatos históricos enfatizam o fato de serem agricultores, mas o fato é que eles traziam não só a experiência da agricultura, mas também dos ofícios praticados na entressafra das plantações, durante os longos invernos europeus. Marceneiros, carpinteiros, ferreiros, pedreiros, oleiros, ceramistas, trabalhadores das áreas têxteis, funileiros, seleiros e sapateiros, entre outros, trouxeram o seu “saber fazer”, o seu conhecimento.

A maioria das obras expostas em *Design e cotidiano* foi feita em terras brasileiras. Móveis, ferramentas de trabalho, elementos construtivos e utensílios domésticos somam as técnicas trazidas pelos imigrantes de seus locais de origem às condições que encontraram no Brasil. Não são, portanto, um transplante puro e simples, mas resultado de um sincretismo.

As oficinas artesanais criadas pelos imigrantes e desenvolvidas por seus descendentes estão na gênese da industrialização dos

estados do Sul. Os autores Isabel Cristina Arendt, Marcos Antônio Witt e Günter Weimer situam que é do artesanato dos anos iniciais da imigração alemã que surgiram pequenas, médias e grandes indústrias gaúchas, destacando sobrenomes que despontaram no cenário econômico brasileiro, tais como Adams, Arnt, Dreher, Gerdau, Mentz, Oderich, Renner, Ritter, Trein, entre outros³.

A herança italiana tem exemplos significativos de empresas nascidas de pequenas oficinas, tais como Tramontina, Dell Anno, Marcopolo e Todeschini. No ranking dos principais polos moveleiros do país lideram, por ordem decrescente, os municípios de Bento Gonçalves (RS), São Bento do Sul (SC) e Arapongas (PR)⁴.

Se os imigrantes andavam descalços na lavoura nos primeiros anos, reservando os sapatos, quando tinham, para os cultos religiosos do domingo, vem do trabalho dos alemães – que transformavam o couro em botas, sapatos e selas de montaria – a conquista do título de “capital nacional do calçado” por Novo Hamburgo (RS).

Predominam na coleção artefatos rudimentares, feitos com as mãos para atender a necessidades, mas indo além, com a busca da beleza. São objetos pesados, sólidos, duráveis. A escala de muitos deles impressiona, como a das portas. Os objetos contam as técnicas utilizadas, os processos e os costumes. Por meio deles sabemos da culinária, do que era preparado e como – a pasta italiana, o *Schmier* alemão, o chucrute, os laticínios, o vinho.

QUEM GUARDA

Tão importante quanto quem faz um objeto é quem o guarda. Carlos de Azevedo Moura, mais conhecido como Calito, é um colecionador nato. Seu pai era engenheiro e construiu alguns dos principais prédios do centro de Porto Alegre, entre as décadas de 1920 e 1970. Em depoimento para vídeo preparado para a exposição no Farol Santander, Calito conta como o pai se interessava por cultura, filosofia, arte e arquitetura. Trabalhou na empresa Villares, em São Paulo.

Nesse contexto familiar, a opção por cursar Arquitetura não foi difícil. A graduação deu-se na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e logo se seguiu o mestrado, no Instituto de Artes da Universidade de Brasília (UnB), onde Calito ampliou muito seus horizontes, convivendo com nomes como o designer e arquiteto autodidata Zanine Caldas, o arquiteto Elvin Dubugras e os artistas plásticos Athos Bulcão e Amélia Toledo. Naquele momento, a UnB, concebida pelo então ministro da Educação, Darcy Ribeiro, fervilhava.

O gaúcho “fechado”, como ele se autodescreve, abriu-se aí para um universo rico de conhecimento e possibilidades – e aguçou o seu olhar para o design. O tema de seu mestrado foi o projeto de uma linha de mobiliário para escritório, e englobaria um período no Royal College of Arts, de Londres. No entanto, entre as consequências do golpe militar de 1964, houve um desmonte da UnB,

3 Isabel Cristina Arendt, Marcos Antônio Witt e Günter Weimer em *A imigração alemã no Rio Grande do Sul*. Disponível em: <http://brasil-alemanha.com/zapitudo/19a/c/A-Imigracao-alema-no-Rio-Grande-do-Sul.php>. Acesso em: 17 abr. 2024.

4 Fonte: Instituto Moveleira. Disponível em: <https://institutomoveleira.com/os-maiores-polos-moveleiros-do-brasil/>. Acesso em: 17 abr. 2024.

com a cassação de vários professores. Isso o levou de volta a Porto Alegre, onde abriu um escritório de arquitetura e começou a lecionar na mesma Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFRGS em que havia se formado, ali permanecendo até 1997.

Essa experiência foi vital para desenvolver seu senso estético e seu olhar para os objetos da imigração. Mas deve-se lembrar que o ímpeto do colecionismo o acompanha desde cedo. Em seu texto neste catálogo, Calito conta que começou ainda criança, com lápis de propaganda, orquídeas, santos. Sua preocupação com o patrimônio é antiga: já nos anos 1960 comprou e restaurou um casarão construído por imigrantes açorianos no século 19, à beira da praia em Garopaba (SC).

Ao se casar com a também arquiteta Maria Cristina Cuervo de Azevedo Moura, conhecida como Tina, ganhou uma companheira na avaliação das obras e também apaixonada pelo artesanato histórico do interior gaúcho. Tina passou a acompanhá-lo em muitas das incursões ao interior dos estados do Sul. Ela se encanta especialmente ao reconhecer a mão humana que talhou os objetos, o esmero de quem fez, seu toque pessoal, que, num olhar atento, distingue as nuances entre objetos à primeira vista muito parecidos.

Tina e Calito moram e trabalham desde os anos 1990 na rua Félix da Cunha, no bairro de Moinhos de Vento, em Porto Alegre, num conjunto de casas geminadas, de quatro andares, sem recuo em relação à calçada, construídas na década de 1930. Elas originalmente serviam para moradia e hoje têm uso misto, sendo ocupadas também por livrarias, galerias de arte e bares com mesas nas calçadas – um lugar de convívio, numa região “descalada”. Um movimento liderado pelos proprietários dos imóveis conseguiu o tombamento do conjunto pela Prefeitura.

QUEM DESCARTA – VERGONHA DE UM PASSADO POBRE?

A coleta das obras da coleção referentes à imigração europeia no Sul começou nos anos 1960 e tomou força de sistematização a partir dos anos 1970. Foram centenas de viagens ao interior em busca de objetos banais do cotidiano que Calito e Tina viam como relíquias, mas que, para quem havia descartado, eram velharias sem importância e significado. Ao longo dessas décadas, saubaram da demolição de muitas casas do século 19.

O que será que faz com que as pessoas descartem casas, portas, objetos? A escritora francesa Annie Ernaux, Nobel de Literatura em 2022, traz uma pista ao falar de sua infância num ambiente social humilde na cidadezinha de Yvetot, Normandia, no interior da França, no livro *O lugar*⁵. Ela conta que à medida que os pais operários foram ascendendo socialmente e abriram um café na casa em que moravam, conseguiram realizar paulatinamente melhorias no imóvel, suprimindo elementos “que traziam recordações dos tempos antigos, como as vigas aparentes, a chaminé, as mesas

5 ERNAUX, Annie. *O lugar*. Trad.: Marília Garcia, São Paulo: Fênix, 2021, p. 35.

de madeira e as cadeiras de palha. [...] Com o papel de parede florido, o balcão pintado e brilhante, as mesas e mesinhas imitando mármore, o café passou a ser um ambiente limpo e alegre. Um revestimento quadriculado de amarelo e marrom no piso dos quartos cobria as tábuas de madeira. A única chateação que durou um bom tempo era a fachada feita de vigas de madeira formando linhas pretas e brancas. A manutenção de estuque ficava além da possibilidade deles”.

Ela continua: “Passando por lá, uma professora minha disse certa vez que a casa era bonita, ‘uma verdadeira casa normanda’. Meu pai achou que ela só estava querendo ser educada. Aqueles que admiravam as nossas coisas velhas, a bomba d’água no pátio, as casas normandas com viga de madeira aparente, certamente queriam nos impedir de ter o que eles já tinham, eles que eram tão modernos, com água na torneira e uma casa branca”.

O sentimento do passado como algo do que se envergonhar era constatado pelo designer e gestor cultural capixaba Ronaldo Barbosa junto a descendentes de imigrantes europeus na região serrana do Espírito Santo. Ronaldo vem-se dedicando nas últimas duas décadas a mudar essa situação: “As pessoas da terceira e quarta geração costumavam construir casas de alvenaria próximas à casa dos avós, com ‘modernidades’ como piso de porcelanato e esquadrias de alumínio. Deixavam as casas históricas ruírem e cediam a comerciantes que os assediavam vendendo a preço de banana pisos, portas e janelas de madeira. Esses por sua vez alimentavam a cadeia de ‘fabricação de móveis mineiros antigos’. Era só raspar a madeira, caprichar no simulacro da pátina, fazer armários ou mesas e vender em outras cidades fora do estado”⁶.

Em 2014, Ronaldo comprou uma casa pomerana feita com a técnica construtiva do enxaimel, numerou as vigas, colunas e pisos de madeira, remontando-a no distrito de Aracê, em Domingos Martins (ES). Nos anos seguintes recuperou três casas italianas e também as remontou no mesmo município, mais precisamente no Morro do Canário. “A mentalidade das pessoas está mudando. O que era visto como um testemunho da indigência dos antepassados agora está sendo valorizado como signos importantes da construção identitária. Aqueles que vendem agora pedem valores mais altos e vendem as casas inteiras, não retalhadas.” Essa experiência é relatada na série de vídeos “Montanhas contemporâneas capixabas”⁷. Uma grande conquista foi a abertura em 2024 da Casa Nostra, um centro cultural e polo de turismo de experiência em Venda Nova do Imigrante, que conta a história da imigração italiana no estado e oferece experiências gastronômicas, um projeto criado pelo Sebrae Espírito Santo. No horizonte próximo está a abertura do Museu da Imigração (MIM), que será curado e concebido em trabalho de cocriação com jovens e crianças da região.

6. As citações são oriundas de conversas informais da autora com Ronaldo Barbosa, em novembro de 2015.

7. Disponível pelo canal da TVE Espírito Santo no YouTube: <https://www.youtube.com/playlist?list=PLHyGmXLthXud-fuHtpWS-WyktAuR0DLJ>. Acesso em: 25 abr. 2025.

8. MORRISON, Jasper. *The Hard Life*. Zürich: Lars Müller Publishers, 2017.

9. Fundado no final do século 18 na Inglaterra, o grupo religioso dos Shakers emigrou para os Estados Unidos em 1774, estabelecendo-se em 18 comunidades distintas, do Kentucky ao Maine. Como diz o texto da exposição, “dentro dessas comunidades, os Shakers criaram móveis, objetos domésticos e arquitetura que logo foram aclamados por sua simplicidade radical, bem como pelo uso inovador da padronização e da produção em série”.

PATRIMÔNIO COLETIVO

Os objetos da coleção Azevedo Moura não podem ser vistos como totalmente representativos dos imigrantes alemães e italianos no sul do Brasil ou exclusivos dessa população. Primeiro porque, na formação de qualquer coleção, há o filtro do olhar dos colecionadores, sempre subjetivo; depois, porque muitos deles têm semelhanças ou pontos de convergência com os de outras culturas no período histórico abrangido, sobretudo no que diz respeito ao universo rural. Cito aqui três coleções que acompanho com mais interesse:

- a do Museu de Artes e Ofícios, inaugurado em 2005 em Belo Horizonte, com objetos coletados no interior de Minas Gerais pelo engenheiro Flávio Gutierrez e continuada por sua filha Angela Gutierrez.
- a do Museu Nacional de Etnologia, criado em 1965 em Lisboa, que foi tema do livro *The Hard Life* [A vida dura], de autoria do designer inglês Jasper Morrison, em 2017⁸.
- e a do Shaker Museum, de Nova York, dedicada aos objetos e móveis do grupo religioso Shakers – que aliás é o tema da exposição *The Shakers: A World in the Making* [Os Shakers: Um mundo em construção], uma realização conjunta do Vitra Design Museum, da Alemanha, com o Milwaukee Art Museum e o Institute of Contemporary Art Philadelphia, estes ambos dos Estados Unidos, que vai itinerar entre junho de 2025 e janeiro de 2027 nessas instituições⁹.

Cumprе apontar também outras iniciativas de valorização da memória da imigração no Sul. Para ficar apenas no território gaúcho, do lado alemão temos o Museu Histórico Visconde de São Leopoldo (de 1959); o Museu Histórico Municipal de Dois Irmãos (1989); e o Museu Comunitário Casa Schmitt-Presser, de Nova Hamburgo (1992). Do lado italiano, o Museu Municipal de Caxias do Sul (1947), o Museu do Imigrante de Bento Gonçalves (1974) e o Museu do Pão, em Ilópolis (2008), entre outros exemplos.

A mencionar ainda os vários antiquários, entre os quais o de Normélio Brill, de São Sebastião do Cai, e o de Luiz Fitarell, responsável também pelo Parque Museu Etnográfico em Garibaldi; e as rotas turísticas que articulam empreendimentos privados em casarões históricos em algumas regiões, como o Caminho de Pedras, na Serra Gaúcha, e o Caminho dos Moinhos, na região do Alto Taquari.

Por sua abrangência, variedade, quantidade, e pela qualidade das peças, a coleção Azevedo Moura dá conta de uma memória ampla da imigração na Região Sul do Brasil. No início de 2024, a coleção contabilizava cerca de 6.500 peças, mas as enchentes que assolaram o Rio Grande do Sul em maio daquele ano afetaram também as obras. O depósito em que elas estavam guardadas foi atingido pelas águas, permanecendo ilhado durante dois meses. Houve uma perda de cerca de 30% da coleção, incluindo todos os livros. Salvaram-se integralmente as peças que estavam no Farol Santander e as que estavam na residência dos colecionadores.

Uma das cenas mais marcantes da tragédia climática no Rio Grande do Sul foi a do cavalo Caramelo, que ficou quatro dias no telhado de uma casa em Canoas, na região metropolitana de Porto Alegre, e viralizou nos noticiários, tornando-se um ícone de resistência do povo gaúcho. Outra imagem que ganhou os jornais foi a da réplica em tamanho aumentado do cavaleiro de madeira para crianças que estava na Praça da Alfândega, em frente ao Farol, chamando para a exposição da coleção. O cavaleiro foi arrastado pelas águas até a orla do Guaíba, mais de um quilômetro adiante. Ao ser resgatado pelos colecionadores, foi apontado como um símbolo da resistência no âmbito cultural. Durante a exposição no Museu Paulista, essa réplica do cavaleiro permanecerá no hall do Museu.

A RESSONÂNCIA DOS OBJETOS EM NÓS

Acervos desse tipo têm a capacidade de trazer à tona camadas profundas das memórias afetivas das pessoas, mesmo as que se encontravam adormecidas. Na museologia atual há uma mudança de foco, que sai da exclusividade do objeto (como ele é feito, qual o seu estilo, o que representa, etc.) para se atentar sobretudo ao sujeito (a ressonância do objeto em quem o vê). É justamente essa troca com o público e a vontade de sensibilizar pessoas de diferentes estratos sociais, graus de instrução, idades, etc., e de estabelecer uma "conversa" com elas, que mobiliza a minha trajetória como curadora.

Nesse sentido, *Design e cotidiano* é um prato cheio! "Lá em casa também tinha", "Minha avó teve", "Me lembrei de..." são comentários frequentes quando os objetos da coleção são mostrados. Tanto no Museu da Casa Brasileira quanto no Farol Santander Porto Alegre vi lágrimas nos olhos de pessoas ao percorrerem a mostra, mas também sorrisos, numa manifestação de uma noção de pertencimento, independentemente de descenderem ou não de imigrantes. Um dos depoimentos que mais me tocou foi o do vigia do Farol, que se sentiu interessado, e de certa forma representado, mesmo sem ser descendente de alemães ou de italianos. É isso que me importa, é esse tipo de reação que move o meu trabalho.

Além das obras tridimensionais, fotos de época, materiais gráficos, ditados de parede e cartões-postais desvelam o ser humano "por trás" dos objetos – os valores cultivados, a família constituída, a forte religiosidade, as turmas de escola, as casas. Essas imagens nos ajudam a explorar a dimensão imaterial dos artefatos exibidos, permitem a recuperação do imaginário social do período e ganham destaque na mostra.

A reflexão sobre os objetos é explorada no vídeo *Uma coleção, vários olhares*¹⁰, que traz entrevistas com os colecionadores e com alguns dos autores dos textos deste catálogo. Ali (e aqui!) procuramos ir além da mera apresentação das peças, para entender melhor os contextos, as motivações e implicações que esse acervo tem para o patrimônio cultural brasileiro.

10 - BORDES, Adélia (Direção de conteúdo e entrevistas). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=53GNE-8yaBk&ab>. Acesso em: 25 abr. 2023.

DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS

E então chegamos a outro ponto importante. Para além das recordações do tipo "tempos bons que não voltam mais", que poderiam redundar numa estéril nostalgia regressiva, gostaria de ressaltar a pertinência da reunião dessas obras na atualidade, pois elas provocam também reflexões que estão na ordem do dia. Atenho-me a quatro pontos:

1. Sustentabilidade – palavra tão desgastada pelo uso – implica também questionar a obsolescência programada dos produtos, frear o consumo obsessivo e optar por ter menos coisas e mais duráveis. O líder indígena David Kopenawa já vem alertando há tempos para o mundo construído pelos brancos, que vem sendo destruído pela "sociedade da mercadoria". O papa Francisco dedicou uma encíclica a essa questão, a "Laudato Si", de 2015, em que ele fala da "cultura do descarte" tão impregnada na cultura contemporânea, uma "economia que mata" e ameaça a sobrevivência do planeta. O subtítulo da encíclica é bem inspirador: "Sobre o cuidado da casa comum".

Por sua estética, vários dos objetos presentes na exposição poderiam estar em lojas de design contemporâneo. São fortes, sólidos. Atravessam gerações. Desafiam o tempo. Se alguns têm funções que se tornaram anacrônicas no cotidiano atual (como aqueles para desnatar o leite ou para fazer manteiga), grande parte permanece com sua utilidade e seu encanto. E na esteira das mudanças de costumes, tipologias de produtos que haviam caído em desuso voltam, como os moedores de café.

Não é à toa que a simplicidade dos objetos do Museu Nacional de Etnologia, de Lisboa, tenha saltado aos olhos de um designer tão incensado como o inglês Jasper Morrison e que o legado dos Shakers para o design seja celebrado por museus importantes na atualidade.

2. Fala-se muito hoje na dimensão simbólica dos objetos. Os designers têm feito projetos atentos não só ao desempenho dos produtos, mas às camadas de significado que possam aportar, tais como singularidade e calor humano. Objetos que já foram descartados pelas famílias por serem "velhos", hoje são reconhecidos como atemporais e chamados de "vintage". O fascínio pode vir das camadas superpostas de tinta, revelando a pátina do tempo, ou de detalhes – úteis ou inúteis – que transmitem a imaginação criativa de seus autores. Em italiano, *guardar* é "olhar". Poderíamos dizer que, para guardar, é preciso primeiro aguçar o olhar.

3. O lugar do feito à mão na sociedade contemporânea vem-se expandindo, em oposição aos prognósticos de que a industrialização iria matar o artesanato. Conferências científicas e publicações apontam a emergência no século 21 de uma estética de produção e consumo com base em movimentos de pequenos artesãos, tanto no Hemisfério Sul como no Norte, onde esse fenômeno foi batizado como "movimento maker" e "DIY" [sigla para *Do It Yourself* (faça você mesmo)]. A parede com uma centena de ferramentas de marcenaria em *Design e cotidiano* regala os olhos e o coração da novíssima geração de designers marceneiros e marceneiras espalhados por todo o país, que deixaram de lado a exclusividade do lápis ou do manejo do computador para se comprazer na lida com plainas, formões, serrotes e goivas.

4. Por último, gostaria de questionar a maneira como nós, brasileiros, temos recebido os imigrantes e refugiados que têm aportado em nosso país recentemente, tais como os venezuelanos, os paraguaios, os bolivianos, os haitianos, os sírios, os senegaleses e os angolanos. Como os europeus historicamente, eles chegam em busca de melhores condições de vida. Diferentemente da

imigração subvencionada do passado, contudo, não recebem terras, nem ferramentas ou benefícios. O que temos feito, enquanto sociedade e governos, para dar-lhes boas-vindas? Afinal, eles chegam trazendo suas culturas e memórias e enriquecendo as misturas tão próprias de nosso caldeirão étnico – e isso vai repercutir inclusive no nosso design.

MEMÓRIA COMUM

Encerro com o agradecimento a todas as pessoas envolvidas na exposição. Nós, curadores, habitualmente somos os únicos que aparecem nas entrevistas e nas palestras, mas a soma de competências para levantar uma mostra como essa é enorme. Pude entender melhor a coleção com o professor e historiador de arquitetura Günter Weimer, com o antiquário e restaurador Normélio Brill, e com a pesquisadora e gestora cultural Adauany Pieve Zimovski, responsável pelo Educativo da mostra no Farol Santander Porto Alegre. Sou devedora à colaboração inestimável dos três e à paciência e generosidade dos colecionadores.

Nos longos meses de contato com a coleção, consultei integrantes da equipe da exposição sobre o seu objeto predileto, para ir compondo um quadro de ícones diversificado e representativo da mostra. As respostas foram as mais variadas possíveis, e quase sempre com um adendo de histórias pessoais relativas ao objeto. De minha parte, fui variando nas preferências no decorrer do tempo. Mas só na redação do texto para o catálogo veio a imagem do candeeiro quase igual ao primeiro objeto que comprei na vida, por volta dos 12 anos de idade. Numa infância imersa na cultura caipira, em que o mais próximo de obras de arte em que pude estar eram as pinturas e esculturas de santos nas igrejas católicas, admirei as formas essenciais desse objeto tão simples e que conservo comigo até hoje.

Como disse João Guimarães Rosa pela boca de Riobaldo: “O que lembro, tenho”. E quando lembramos juntos, esse “ter” se fortalece e se alegra. A etimologia da palavra “comemorar”, de origem latina, afinal, é “com-memorare”, ou “recordar com”. Assim, para além da materialidade das peças apresentadas, *Design e cotidiano na coleção Azevedo Moura* busca contribuir para a memória comum de nós brasileiros, que se forma a partir de múltiplas misturas e contribuições.

Adélia Borges (Cássia, MG, 1951) é crítica e historiadora de design. Suas pesquisas balizam várias produções, tais como exposições, livros, reportagens, documentários, cursos e palestras, no Brasil e no exterior. Foi diretora do Museu da Casa Brasileira (2003-2007) e professora de História do Design na FAAP (1998-2014). Tem textos publicados em sete línguas e é autora ou coautora de 41 livros, entre os quais *Design + Artesanato: o caminho brasileiro*. Fez a curadoria de mais de 70 exposições no Brasil e no exterior. Vive em São Paulo. Por sua contribuição à investigação e difusão do design brasileiro e do Sul Global, recebeu o título de Doutora *Honoris Causa* pela Universidade Estadual Paulista (Unesp), em 2021. Mais informações podem ser encontradas em www.adeliaborges.com e em <https://lattes.cnpq.br/8772074701416183>.

